

SAUSSURE E AS INOVAÇÕES LEXICAIS NA FALA DA CRIANÇA¹

Camila Rossetti VIEIRA

Professora Responsável: Dra. Rosa Attié Figueira

Resumo: A criação de palavras novas, que não estão presentes na fala dos adultos, é um fenômeno registrado, entre 3 e 5 anos de idade² na fala de muitas crianças³. Um caminho interessante de investigação nos leva a indagar: - por que o fazem? - como o fazem? - e, mais importante, qual a contribuição da Linguística, a partir de Saussure, para o estudo desse fenômeno? A fim de responder a essas questões o presente projeto dedica-se a fazer um levantamento de um conjunto de dados de autores que prestaram sua contribuição ao tema a partir de um material empírico variado⁴. Procuraremos analisar esse material de acordo com alguns pressupostos saussurianos que estão presentes tanto no *Curso de Linguística Geral* (1916), como também na publicação recente *Escritos de Linguística Geral* (2004). A pesquisa se faz no interior da abordagem teórica dita *interacionista*.

Palavras-chave: Aquisição de Linguagem, inovações lexicais, analogia, Saussure.

INTRODUÇÃO

O trabalho que aqui se apresenta foi enviado ao CNPq como proposta para uma iniciação científica que ora está em andamento e justifica-se, primeiramente, pela questão que vem há muito sendo colocada como objetivo principal da área de Aquisição de Linguagem: como se dá a passagem do *infans*, aquele que não fala, para o sujeito falante?

Na tentativa de responder a esta questão, linguistas, filósofos, psicólogos e também observadores leigos vêm, desde efetivamente o século XIX, observando a criança, sua linguagem e deliciando-se, muitas vezes, com as construções tão particulares à fala infantil, como as inovações no âmbito da palavra. Esse interesse sustenta-se, segundo Pereira Castro & Figueira (2006), pois estudar como emerge a fala no *infans* é inegavelmente uma questão de extrema importância para o conhecimento do ser humano. Acrescentam ainda que a relevância da questão está em possibilitar o conhecimento dos mecanismos

¹ As pesquisas desenvolvidas neste artigo têm apoio da CNPq (proc. 144692/2011-2) na modalidade de Iniciação Científica.

² Este fenômeno atravessa o período de aquisição da linguagem, mas é predominante entre os 3 e 5 anos de idade. Encontramos dados da fala infantil, com essas estruturas, entre crianças de 2 a 7 anos.

³ Estas produzem itens tais como *desabrir* (para fechar), *pinteiro* (para pintor), *roubador* (para ladrão), *tira-cainha* (= *tira-carninha*, para palito), *boia* (para vaca), *boda* (para cabra), *bolsista* (para o possuidor de uma bolsa – acessório feminino), etc. - conforme atestado por Figueira (1995, 1999), os quatro primeiros dados, Santos (1997), os dois seguintes, e Cauduro (2001), o último deles.

⁴ Este material este conta com exemplificações de fenômenos de morfologia verbal e nominal.

que representam o funcionamento da linguagem humana e a própria constituição do sujeito-falante.

Dentre as propostas teóricas que, na comunidade científica, discutem a questão da aquisição da linguagem pela criança hoje, incluem-se os trabalhos *interacionistas*, ao qual nos filiaremos. Essa proposta, advinda dos trabalhos da Profa. Dra. Claudia de Lemos e de suas colaboradoras coloca o diálogo como unidade de análise e vê na relação entre a fala da criança e fala do outro/adulto um ponto fundamental de discussão. Para tanto, debruça-se sobre a constituição da língua na criança e coloca o foco da investigação na mudança observada durante o processo de aquisição de língua materna.

A abordagem *interacionista*⁵ surge nos trabalhos da autora a partir de sua tese de doutorado na qual se deparou com a “dificuldade de descrever a fala da criança fazendo da Linguística um mero instrumento de descrição” (Lemos, 1999, p. 12). Tal dificuldade ocorria tanto devido ao fato de que a fala da criança repete, espelha a fala do outro quanto ao fato de que nessa fala, como se referia na época, sua não-produtividade é corrente. A autora reconhecendo, então, essas dificuldades como partes intrínsecas de um mesmo fenômeno, questiona -se:

[...] se a Linguística não permite nem descrever nem explicar isso, já que a categoria “outro” não existe teoricamente para ela, nem há condições para que se abra nela um lugar para se tratar de fragmentos não analisados, já que qualquer teoria linguística pressupõe a língua como articulada, estruturada, o que fazer com isso? Que linguístico é esse que comparece na fala inicial da criança? (Lemos, 1999, p. 12)

Essas questões fazem com que a autora busque na Psicologia, mais especificamente em Lacan, um lugar para a compreensão do papel do “outro” e um conceito de língua que é a causa de haver sujeito. Disto resulta, que ao se debruçar sobre a teoria lacaniana, Lemos depara-se com uma releitura das obras do estruturalismo linguístico (Saussure e Jakobson), fazendo ver nesta a possibilidade de unir a Teoria Linguística ao enfoque *interacionista* que propunha. Sobre tal comprovação a autora disserta:

Resulta interesante comprobar que fue la escuela psicoanalítica francesa la que procedió la reevaluación de la epistemología y la teoría del estructuralismo lingüístico. Parte del retorno a Freud” de Lacan, con el fin de salvar al psicoanálisis de interpretaciones reduccionistas, partió de las obras de Saussure y de Jakobson (cf. Lacan, 1966, así como otros estudiosos). De hecho, la interpretación por parte de Lacan de estos conceptos lingüísticos equivale a una reinterpretación radical de los mismos, pues realza precisamente todo aquello que el campo de la lingüística había rechazado. Tales interpretaciones muestran la posibilidad de considerar algunas ideas de Saussure y Jakobson como una vía de alejamiento del empirismo por lo que respecta los enfoques socio-interacionistas de la adquisición del lenguaje. (Lemos, 1992, p. 124)⁶

⁵ Ver outras propostas *interacionistas* em Lemos (1986).

⁶ “É interessante comprovar que foi a escola psicanalista francesa que inaugurou a reavaliação da epistemologia e da teoria do estruturalismo linguístico. Parte do ‘retorno a Freud’ de Lacan, com a finalidade de salvar a psicanálise de interpretações reducionistas, partiu das obras de Saussure e de Jakobson (cf. Lacan, 1966, assim como outros estudiosos). De fato, a interpretação por parte de Lacan destes conceitos linguísticos equivale a uma reinterpretação radical dos mesmos, pois realça precisamente tudo aquilo que o campo da linguística havia renegado. Tais interpretações mostram a possibilidade de considerar algumas ideias de Saussure e de Jakobson como via de afastamento do empirismo no que diz respeito aos enfoques sócio-interacionistas de aquisição de linguagem”.

Num momento posterior, a partir de tais releituras, Lemos (1992) estabelece a concepção de processos metafóricos e metonímicos⁷ como mecanismos de mudança, mostrando que as relações entre as unidades linguísticas se tornam fundamentais para a constituição do sistema. Além disso, a noção de captura do sujeito pela língua, em que se inverte a relação entre sujeito-objeto, exposta por de Lemos (2008), reflete a posição de Saussure (1916) para a qual não há a possibilidade de se tomar a língua como função do sujeito falante (Pereira de Castro, 2010:94), uma vez, que ela é, nas palavras do mestre, “um produto que o indivíduo registra passivamente; não supõe jamais premeditação e a reflexão nela intervêm somente pela atividade de classificação”. (Saussure, id. p. 22).

Desta maneira, o olhar dos *interacionistas* volta-se fortemente para o estruturalismo, como dito anteriormente e como mostram trabalhos mais recentes. Por exemplo, de um lado, o de Pereira de Castro (2010) que aponta o fato de que ao discutir o conceito de analogia no *Curso de Linguística Geral*⁸, Saussure põe em questão o papel do fenômeno na mudança que ocorre nas línguas e, de outro lado, o de Figueira (2010) que no mesmo volume se atém a discutir, através de material empírico, como aponta o título do artigo, “O que a investigação sobre o erro da criança deve a Saussure”.

Tais textos, principalmente o de Figueira (id.), revelam que as ideias advindas tanto do *CLG* como dos Escritos, foram e são fundamentais nos estudos de Aquisição de Linguagem chegando ao ponto de, por exemplo, mostrar a necessidade de uma revisão da noção de “overxtension”, profundamente difundida nos estudos dos chamados “erros”.

A teoria *interacionista*, estabelecendo um ponto de vista sobre a aquisição de linguagem, parcialmente novo, tem o tempo todo que se reavaliar estabelecendo terminologias, revendo conceitos e pressupostos teóricos. Nesse vai e vem teórico Saussure e sua obra se faz sempre presente nos trabalhos de Lemos e suas colaboradoras, como se vê em seus textos de (1982, 1986, 1992, 1999 e entre outros), sendo ora no sentido de filiação e ora sendo reavaliado, porém sem deixar de levar em consideração todo o avanço que a Linguística alcançou depois dele. Comprova-se, portanto, que para essa posição teórica, Saussure é sempre um ponto de partida fundamental.

Sendo assim, inserimo-nos nessa empreitada, debruçando sobre as ideias do estruturalismo linguístico, mais precisamente sobre aquelas que procedem de Saussure, a fim de averiguar qual a sua contribuição para o estudo do fenômeno de aquisição de linguagem. Tomaremos como ponto de partida empírico uma das particularidades da fala da criança neste percurso, as inovações lexicais. Convivendo com os chamados “erros”

⁷ A concepção de processos metafóricos e metonímicos advém da teorização de Jakobson em seu texto 1985. Nele, o autor dissertando sobre dois tipos de afasia, rele e renomeia os conceitos de relação sintagmáticas e associativas propostos por Saussure, a fim de, com esse gesto, incluir no conceito aquilo que estava excluído em Saussure, ou seja, a fala individual e diferentes tipos de discursos. O processo metafórico é, portanto, para Jakobson e conseqüentemente Lemos, como a autora mostra em seu texto de 1992, o processo que “tem como característica a similaridade, isto é, envolve a seleção e a substituição, as quais são duas faces de uma mesma operação. Já o processo metonímico apresenta como característica a contigüidade, o que indica que envolve a combinação e o contexto para unidades mais simples e/ou encontra seu próprio contexto em uma unidade linguística complexa” (FONTE, 2010, p. 54). Na Aquisição de Linguagem, tais processos designam as relações sobre as quais está pautada a linguagem internamente, enquanto sistema, e externamente, enquanto relação estrutural com a fala do outro.

⁸ Doravante *CLG*.

(ou “ocorrências divergentes”, como denominados por Figueira 1995), tal recorte é um material privilegiado de análise para os pesquisadores da área, uma vez que são, numa perspectiva *interacionista*, evidências de um fenômeno de captura do sujeito pela língua e, como disserta Figueira (2010), convocam para sua análise o que está sob o título de Analogia, em Saussure amplamente discutido.

Tais estudos – que englobam os chamados “erros” - não são novidade nos estudos linguísticos, nem mesmo ao observador leigo, uma vez que qualquer um que se detenha a observar um criança entre os 3 e 5 anos de idade vai encontrar em sua fala palavras novas, como a do dado (1)⁹ trazido aqui para exemplificação do fenômeno.

(1) (A mãe inventa e encena a participação de A. e de J: A princesa Prepotente, cuja protagonista é muito impaciente e arrogante; depois de repetir duas vezes começa de novo a história, deixando sempre a J. completar a frase.)

M. Então, a princesa era muito **prepo-**

J. **Tente!**

M. Então o rei mandou ela ficar mais **paci-**

J. **Osa!**

(D - 4; 5. 18)

Neste dado, a criança usa¹⁰ os morfemas sufixais –osa (ex. *bondosa*, *generosa*, *gostosa*, etc) e –tente (ex. *inteligente*, *diferente*, *saliente*, etc) que são, a grosso modo, formadores de adjetivos novos adjetivos, produz nessa “brincadeira” com o adulto e com sua língua uma formação divergente, que não é aquela esperada, mas que segue um processo de formação possível.

Como se pode ver com a exposição do dado, pela designação de inovações lexicais pretendemos abranger: palavras que não pertençam ao léxico do adulto; que são construídas na fala da criança por prefixação ou sufixação (denominais e deverbais); palavras compostas; flexão divergente de gênero; etc. É importante ressaltar, ainda, que consideramos inovações lexicais também aquelas palavras que mesmo já encontradas no léxico do adulto são ressignificadas¹¹ pela criança. No último caso, encontra-se o uso de *bolsista*, atrás referido no resumo.

Na literatura da área, estudos sobre inovações lexicais na fala infantil são encontradas em publicações de autores interessados no léxico e na morfologia. Clark (1982, 1993), como mostraremos na próxima sessão, pode ilustrar este interesse. A autora desenvolveu um estudo da fala inicial de crianças em processo de aquisição do inglês, francês e alemão. Entre os estudiosos da aquisição do português, adotando um ponto de vista *interacionista*, Figueira (1995; 1999; entre outros), desenvolveu sua pesquisa com dados de duas crianças (2 a 5 anos), em processo de aquisição do português brasileiro.

⁹ Dado retirado de: FIGUEIRA, R.A. (1996). “O erro como dado de eleição nos estudos de aquisição da linguagem”. In *O Método e o Dado no Estudo da Linguagem*, p. 55-86, Editora da UNICAMP, Campinas.

¹⁰ É importante não interpretar esse uso como relacionado à uma intenção da criança, na verdade, este aspecto ressalta a captura do sujeito pela língua;

¹¹ Ver também o uso de *desfiladeiro*, por uma criança ao se referir ao sambódromo (lugar onde ocorrem os desfiles das escolas de samba durante o carnaval). Devo a Figueira a menção deste dado encontrado em uma publicação de entretenimento.

O material exposto nos trabalhos supracitados mostra que a criança apresenta uma ampla criatividade lexical, exemplificada por criações de novos nomes para agentes (*planteiro* para jardineiro) e instrumentos (*pintadeira* para caneta hidrocor), assim como a criação de novos adjetivos (*lembrosa*) e verbos (*asar* para voar) para atributos e ações. Não é irrelevante, portanto, que tais estruturas sejam tidas como objeto de estudo e que sejam analisadas como peças importantes no processo de aquisição da linguagem.

Para o estudo do fenômeno, partiremos, portanto do que afirma Saussure no *CLG*, 1916, mais precisamente nas passagens em que o conceito de analogia é apresentado e discutido¹².

Nesta obra o autor¹³ reserva os capítulos IV e V da terceira parte do livro, intitulada *Linguística Diacrônica*, para o tema. Além disso, podemos encontrar nos *Escritos*¹⁴ cerca de doze passagens sobre o assunto. A sua importância nos estudos da Linguística e nos estudos em Aquisição de Linguagem é indiscutível e, da nossa parte, gostaríamos de mostrar que este fenômeno desempenha um papel fundamental no tratamento do tema inovações lexicais.

Para ilustração da abordagem saussuriana da analogia, podemos contemplar, na obra *Escritos* (2004), um trecho (abaixo transcrito) em que o autor se volta para a fala da criança reconhecendo nela um lugar de formações analógicas. De acordo com Saussure (2004, p.139-140):

O fenômeno da analogia, o fenômeno da transformação inteligente. Não há melhor maneira de perceber o que é isso do que escutar falar, por alguns minutos, uma criança de três a quatro anos. Sua linguagem é um verdadeiro tecido de formações analógicas, que nos fazem sorrir, mas que oferecem, em toda a sua pureza e candura, o princípio que não cessa de agir na história das línguas.

No trecho acima, ao voltar-se para a analogia, o autor abre para o presente projeto o estudo de um fenômeno fundamental que atua não só no universo infantil, como também na explicação das mudanças na língua.

AS INOVAÇÕES LEXICAIS NOS ESTUDOS DA AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM

Os estudos das inovações lexicais em Aquisição de Linguagem podem ser encontrados em publicações de autores interessados no léxico e na morfologia. Como dito anteriormente, Clark (1982,1993) pode ilustrar este interesse. A autora desenvolveu um estudo da fala inicial de crianças em processo de aquisição do inglês, francês e alemão. À autora mencionada dedicaremos um breve estudo de suas pesquisas.

¹² Como se recorda, esse conceito, juntamente às mudanças fonéticas, são tidas pelo mestre genebrino como maior fator de mudança das línguas.

¹³ Como se sabe, o livro *Curso de Linguística Geral* é constituído por anotações de aulas de Ferdinand de Saussure organizadas por dois de seus alunos: Charles Bally e Albert Sechehaye.

¹⁴ Como se sabe também, tais comentários são fragmentos por conta do modo como livro foi editado.

Clark dedica-se a mais de 40 anos à pesquisa em Aquisição de Linguagem, colecionando um número considerável de artigos, capítulos e livros sobre o assunto. Dos temas que a autora aborda, a aquisição do léxico está de uma maneira fundamental abordada em um artigo de 1982 intitulado “The young word-maker: A case study of innovation in the child’s lexicon” e em seu livro de 1993 intitulado “The lexicon acquisition”.

Suas bases teóricas são apresentadas justamente neste segundo texto, no qual destaca que léxico tem uma primazia sobre qualquer outro nível linguístico, quando se trata de aquisição de linguagem, já que é a partir dele que as crianças fazem generalizações sobre os tipos de palavras, aprendem as categorias sintáticas e fazem relações gramaticais. Nesse mesmo texto, a autora aponta para o fato de que a criança vem a conhecer o léxico de sua língua tanto pela aquisição de palavras estabilizadas quanto pela formação de novas palavras o que põe em evidência que a criança está aprendendo o processo requerido pela língua para formação de palavras.

É sobre esse último modo de aquisição do léxico que a autora se detém no artigo de 1982, no qual disserta que a criança apresenta uma ampla criatividade lexical, exemplificada por criações de novos nomes para agentes e instrumentos, assim como a criação de novos adjetivos e verbos. Ao pesquisar as inovações lexicais na fala da criança, sua investigação orienta-se para duas perguntas fundamentais:

- a) Por que as crianças criam palavras novas?
- b) Como elas o fazem?

Sobre a questão em (a), Clark (id.), afirma que a causa da existência de inovações lexicais na fala da criança está relacionada à função comunicativa da linguagem. Entendemos, portanto, que as crianças podem criar palavras novas para expressar significados, na tentativa de se comunicar com o interlocutor e significar o mundo que estão conhecendo. É importante ressaltar que, com essa atividade, a criança pode não estar ciente de que está criando palavras novas.

As inovações lexicais podem ser facilmente identificadas quando observamos a fala infantil, como, por exemplo, no fragmento apresentado em (2)¹⁵ que será mostrado abaixo. Neste, o sujeito J. usa em sua fala um adjetivo em português que qualifica pessoas que lembram de coisas. Adjetivo tal não é encontrado no léxico do adulto. A inovação, que pode surpreender o adulto, não afeta a criança que permanece indiferente ao neologismo produzido em sua fala – aspecto este enfatizado por Figueira¹⁶.

¹⁵ Dado retirado de: FIGUEIRA, R.A. (1996). “O erro como dado de eleição nos estudos de aquisição da linguagem”. In *O Método e o Dado no Estudo da linguagem*, p. 55-86, Editora da UNICAMP, Campinas.

¹⁶ Como assinala Figueira (comunicação pessoal) este fato também ocorre com outras ocorrências divergentes da fala da criança – o que conduz a autora a afirmar que as ocorrências neológicas da criança não têm o mesmo estatuto daquelas que ocorrem na fala do adulto. Tal aspecto – presente na reflexão de Figueira – será por nós retomado.

(2) (Chegando a Poços de Caldas, ao desfazer as malas, a irmã de J. diz).

A. Puxa, mãe. Você não esqueceu nada, hein?

J. A mamãe é muito **lembrosa**¹⁷.

(D – 4; 5.10).

Ainda segundo Clark (id.), a resposta para a questão em (b) é a de que as crianças produzem novas criações lexicais combinando palavras e morfemas (lexicais ou gramaticais) que elas já conhecem. Nota-se que uma análise mesmo que superficial para o dado acima pode dar a conhecer que a criança apresenta uma forma derivada do verbo “lembrar” acrescido do sufixo “-osa” encontrado em adjetivos, tais como: *teimosa, cuidadosa, melindrosa, amorosa*, etc.

A partir dessas afirmações uma outra série de questões é posta: qual o limite da produtividade das inovações das crianças e por que elas as usam? Qual a relação entre as inovações das crianças e as dos adultos? Qual a forma que o processo de inovação toma? Ou seja, esse processo sustenta-se a partir de uma regra ou de uma analogia?

As duas primeiras questões serão tratadas em uma pesquisa futura, mas a terceira é o ponto chave desta monografia. Ela evidencia a discussão do fenômeno da analogia na fala da criança. Iniciando-nos nesta discussão, vamos observar a seguinte colocação de Clark (id):

Children could take a particular term already in their repertoire and construct a new one by analogy, say he pair jump/jumped as a model for bump/bumped, or they could abstract a rule as “Add –ed to all verb stems to express past time” and use that.¹⁸ (Clark, 1982. – p 39).

A discussão introduzida por Clark é a de que as criações lexicais podem ser compreendidas de duas maneiras: ou como frutos de um processo de analogia, em que necessariamente tem que haver um par que sirva de modelo para a formação de outro; ou como derivadas da construção de uma regra que envolva o reconhecimento de uma forma linguística. Apesar de parecer, a resposta para essa questão não é tão simples, uma vez que, como afirma Clark, nenhuma pesquisa¹⁹ que a englobou conseguiu contrastar analogia e regra. Segundo a autora os dois fenômenos atuam em um *continuum*.

A autora, nesse mesmo texto de 1982, mostra a partir de um estudo sobre os deverbais em língua inglesa, francesa e alemã que a hipótese da regra é mais plausível para a explicação de seus dados. Sua conclusão é a de que não seria possível afirmar que a criança criasse palavras novas por analogia, isso porque na fala dessa estão presentes muitas categorias de verbos que não estão presentes na fala do adulto. A autora acrescenta ainda que uma tese que sustentasse a analogia como o processo de formação de palavras novas na fala da criança, deveria encontrar na fala do adulto ou da própria criança verbos bem estabelecidos que constituíssem um modelo em potencial. Mesmo que esses sejam encontrados, a hipótese de regra não deve ser abandonada.

¹⁷ . Usaremos negrito para o item a ser considerado.

¹⁸ *As crianças poderiam tomar um termo em particular que já está em seu repertório e construir um novo termo por analogia, diz-se que o par jump/jumped é um modelo para bump/bumped, ou elas podem abstrair uma regra que como “adicionar –ed em todos os verbos para expressar o passado” e usá-la.* (Clark, 1982. – Tradução minha).

¹⁹ Exemplos dessas pesquisas podem ser encontrados em Clark (1982).

Mas quais são as definições possíveis para analogia e regra e em que sentido eles nos ajudam a compreender as inovações lexicais na fala infantil? Sendo regra, assim como disserta Dubois (1983), “uma hipótese a respeito de um mecanismo da língua” e sendo “mecanismo da língua” e analogia conceitos abordados, primordialmente, na teoria saussuriana, não seria o caso de averiguar em Saussure as respostas para as perguntas que nos colocamos acima? Nesse sentido é que, como já foi dito, buscaremos no trabalho, que aqui se inicia, trazer passagens do *Curso de Linguística Geral* e dos *Escritos de Linguística Geral* verificando se podem ser usadas na discussão da fala da criança no período de aquisição de linguagem.

BIBLIOGRAFIA

- CASTRO, M. F. P. de. & FIGUEIRA, R.A. A Aquisição de Linguagem. In: **Linguagem, História e Conhecimento**. Campinas, Pontes, 2006, p. 75-102.
- CAUDURO, M de L. F. Erros na fala infantil. **Linguagem & Ensino**, 4 (1), p. 159-174, 2001.
- CLARK, E. V. The young word-maker: A case study of innovation in the child's lexicon. In: E. Wanner & L. R. Gleitman (Eds.) **Language acquisition: The state of the art**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982, p. 390- 425.
- DUBOIS, J. (et al). **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1973.
- FIGUEIRA, R.A. A Palavra divergente. Previsibilidade e imprevisibilidade nas inovações lexicais na fala de duas crianças. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, 26, p. 49-80, 1995.
- _____. O erro como dado de eleição nos estudos de aquisição da linguagem. In: Pereira de Castro (org.) **O Método e o Dado no Estudo da linguagem**. Campinas. Ed. UNICAMP, 1996, p. 55-86.
- _____. Aquisição dos verbos prefixados por des- em Português. In: Basílio, M.(orgs.) **Palavra**. Rio de Janeiro: Grypho, 1999.
- _____. Dados anedóticos: quando a fala da criança provoca o riso...humor e aquisição da linguagem”. **Línguas e Instrumentos lingüísticos 6**. Campinas, Ed. Pontes, Campinas, 2000, p.27-61.
- _____. O que a investigação sobre o erro na fala da criança deva a Saussure. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, 52(1), jan./jun., p.115-143, 2010.
- FONTE, R. Processos metafóricos e metonímicos na Aquisição de Linguagem. **Revista Prolíngua**. 5(1), jan./jul., p. 52- 62, 2010.
- LEMOS, C. T.G. Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismo de cambio. **Substratum**. 1 (1), p. 121-136, 1992.
- _____. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, 42, p. 41-70, 2002.
- PEREIRA CASTRO, M.F. Saussure e o necessário esquecimento da fala infantil: uma leitura a Aquisição de Linguagem. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, 52(1), jan./jun, p.91-114, 2010.
- SANTOS, P de C. **Construção de significado: um caminho possível**. Londrina: UEL, 1997.
- SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1916.
- _____. **Escritos de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2004.